



VALORIZAÇÃO DA ORATURA

O lugar da Literatura Oral (Africana) na Teoria da Literatura

O conceito de Literatura, para o mundo, emerge no seio de uma cultura de tradição escrita com amnésia consentida em relação à oralidade, derivando “historicamente, por via erudita, do lexema latino litteratura, o qual, segundo informa Quintiliano, foi decalcado sobre um substantivo grego”...



Helder Simbad

A Teoria da Literatura apresenta-se, comumente, como um repositório de teorias, conceitos, crítica e abordagens historiográficas sobre o fenómeno literário no espaço europeu. Em virtude disso, com o advento das teorias pós-coloniais e sobretudo com o multiculturalismo, passou-se a viver uma crise epistemológica que não pode ser ignorada por nenhum estudioso, por mais vínculo que tenha com quaisquer ideologias que gerenciam as ditas supremacias raciais ou de outra ordem.

Esta crise a que nos referimos tem que ver, em primeiro lugar, com o modo acríptico e acientífico como muitas dessas teorias foram concebidas, privilegiando-se “princípios científicos” proibidos pela Ciência, como a subjectividade, na acepção mais básica do termo, ignorando-se parte(s) dos materiais que compõem a ontologia

da Literatura (escritor, obra e leitor), inscrevendo-se no monismo que deu origem às poéticas formais, às teorias de recepção estética, bem como às teorias metafóricas, apologéticas e nihilistas, como “a morte do autor”, que resulta, na verdade, da sentença nietzschiana “Deus está morto”, como se fosse possível definir um objecto ignorando-se parte deste. Em consequência de tudo isso, um dos maiores críticos da actualidade, Jesus G. Maestro (2017), de nacionalidade espanhola, na sua *Crítica da Razão Literária: o Materialismo Filosófico como Teoria, Crítica, Dialéctica da Literatura*, considera a Teoria da Literatura como um lugar povoado de muitos mitos irracionais.

Em segundo lugar, com a pós-colonialidade, o “outro”, “o não tido e o não achado” passa a reivindicar direitos que lhe foram negados anteriormente e percebe que se procurou conceituar o mundo tendo-se como referência apenas uma parte deste e o outro-excluído, afinal, é Ele.

A Literatura, enquanto arte, faz parte da Antropologia Cultural. Jesus Maestro (2017) refere-se a ela, como construção humana que integra o espaço antropológico. Entretanto, quando nos oferecemos a perceber a Teoria da Literatura, entendemos que ela possui um abstracto cultural de matriz ocidental, com pequeníssimas referências asiáticas e de outras Litera-

turas. Este nihilismo fez com que Paxe (2014), por exemplo, chegasse à conclusão que o Ocidente retirou o mito, o imaginário, as narrativas e com eles o provérbio (formas literárias que integram o universo daquilo que designamos por Literatura Oral angolana) do contexto literário.

Duarte (s.d. p.7), define como Literatura Oral Angolana “o conjunto de todos os contos, lendas, fábulas, provérbios, adivinhas, poesias, narrativas, etc., que, criadas pela alma artística do Povo Angolano, foram sendo transmitidas oralmente, através dos séculos, de geração em geração, até aos nossos dias”. Por conseguinte, perguntas do tipo “como explicar uma Literatura como a nossa, que resulta do cruzamento da Literatura de tradição oral e da Literatura Portuguesa escrita (?), como ensinar, do ponto de vista teórico, as Literaturas de Tradição Oral a partir desses manuais de Teoria da Literatura que circulam entre nós e são tidos como canónicos (?)” têm-nos sido feitas quando tratamos destes assuntos na sala de aula e, circunstancialmente, fora dela.

A resposta para a primeira questão implica “uma peneira” à Teoria da Literatura, e esta levará o crítico a se servir dela naquilo que ela tem de mais geral e universal e que pode ser aplicado à nossa realidade sócio-cultural. Para ser mais explícito, muitos dos períodos literários estudados de forma apaixonante e mi-

nuciosa em Angola como o Barroco, Rococó, Maneirismo, Classicismo, entre outrosismos, constantes nos livros de Teoria da Literatura, deveriam dar espaço a outros conteúdos que realmente ajudariam o estudante angolano a compreender-se e a compreender teórica e criticamente o fenómeno literário com o qual se relaciona, dando-se apenas algum resumo para a cultura geral. Porém, do Romantismo (europeu) em diante, por via dos estudos comparados, já podemos reconhecer a importância destes para a compreensão da obra de certos autores angolanos, sem, no entanto, cair na tentação teórica de os integrar como tal nessas escolas, como certa vez o fez um estudioso angolano ao apresentar o escritor João Melo como alguém que se inscreve conceptualmente em um Humanismo que nunca houve em Angola enquanto Movimento Literário. Precisaremos lembrar, como Bruno Latour, que Já-mais Fomos Modernos(?) e, por extensão, humanistas, classicistas, naturalistas in strictu sensu?

Em relação à segunda pergunta, a principal razão deste texto, precisaremos visitar os índices dos principais livros de Teoria da Literatura usados em Angola. Estão entre eles, Teoria da Literatura, de Vitor Manuel de Aguiar e Silva; O Conhecimento da Literatura: Introdução aos Estudos Literários, de Carlos Reis e Teoria da Literatura e Metodologia

dos Estudos Literários de René Wellek e Austin Warren.

Em termos de definição, a palavra que hoje conhecemos como Literatura é tardia. Aristóteles, em sua *Arte Poética*, reclamava por uma designação ao referir que “a arte que imita por via da palavra chega até a os seus dias sem um nome” (s.p). Em consequência disso, o conceito de Literatura, para o mundo, emerge no seio de uma cultura de tradição escrita com amnésia consentida em relação à oralidade, derivando “historicamente, por via erudita, do lexema latino litteratura, o qual, segundo informa Quintiliano, foi decalcado sobre um substantivo grego” (Silva, 1986, p.1), tendo como antecedentes os gregos, os percursores do processo de sistematização e principais agentes da ruptura com a tradição oral, entre os quais Platão, conforme em Havelock (1995).

De acordo com Aguiar e Silva (1986), a Literatura deriva do radical littera – letra, carácter alfabético – significando saber relativo à arte de escrever, gramática, instrução, erudição, numa época, acreditamos nós, que em muitos povos, hoje europeus, ainda se cultivava a Literatura Oral, a qual embrulham num longo período conhecido como Medieval, sendo que estes não eram ainda alfabetizados nos termos conhecidos hoje, um processo começado com a romanização de parte daquela parcela continental, realizado gradualmente a partir do Renascimento.

Aguiar e Silva (1986) trata da Literatura Oral no quadro da distinção com a Literatura escrita, considerando que esta última expressão é formada por palavras redundantes e a Literatura Oral por palavras conflituantes, por conta da etimologia da palavra Literatura que, como referimos acima, aponta para “letra”, representação gráfica. O teórico português, entretanto, abre um parêntese e sugere que se se obliterar o valor semântico etimológico de “Literatura” e tendo ela sido consagrada, por força do hábito, como arte verbal pela generalidade dos falantes de várias línguas, ao ponto de serem usadas em meios científicos, aceitam-se ambas expressões tal como elas se apresentam. Entretanto, seguindo a proposta de Albert B. Lord que entende a poesia oral como performance produzida por pessoas que não podem escrever, Aguiar e Silva (1986) sugere que, para a distinção entre essas duas formas, que se integre “a Literatura Oral no contexto de uma cultura primariamente oral” (p.138), atribuída geralmente ao continente africano. Entretanto, quase ou nada se diz nos outros dois manuais que nos propusemos analisar a respeito da Literatura Oral. Em René Wellek e Austin Warren (1949), por exemplo, das poucas ideias que evidenciam a presença e o consequente desprezo da Literatura Oral, lê-se que “uma pessoa não conseguirá compreender a Literatura senão escrevendo-a” (p.13).

Nesta linha de depreciação, Maestro (2017, p. 172), ao explicar a genealogia da Literatura, entre outros pressupostos, aponta para a oralidade, quando refere que ela nasce num contexto de um conjunto de conhecimentos próprios de culturas não desenvolvidas racionalmente e que “baseavam seus saberes em mito, magia, religião e técnicas de expressões rudimentares e simples, desde a oralidade ritualizada ou espontânea até a mais elementar escritura hieroglífica, criptográfica ou alfabética”. Este mesmo autor considera esta Literatura como algo produzido por sociedades arcaicas, “primitivas ou bárbaras, incivis, pré-racionais, relutantes ou anteriores à civilização – às vezes até incapazes disso –, que ainda não foram organizados ou constituídos como um Estado no momento de realizar suas supostas construções literárias”. (p.204)

Em virtude do que foi dito, com raras exceções, a Literatura Oral encontra-se na memória olvidada e no implícito da Teoria da Literatura que foi produzida até ao final do século XX e princípios do século XXI. Por consequência disso, hoje, com o advento das teorias pós-coloniais, ela é profundamente questionada por ignorar ou prescindir de artefactos culturais de outros povos e resumir-se praticamente à cultura europeia, que procurou explicar o mundo literário a partir de si e com anacronismos deliberados. Por este motivo, cabe ao professor, teórico e crítico angolano revisitá-la, criticá-la e reformulá-la...

*Escritor, Crítico Literário, Professor de Teoria da Literatura e Literatura Portuguesa da Universidade Jean Piaget e Coordenador Geral do Círculo de Estudos Literários e Linguísticos Litteragris

Bibliografia

- Aristóteles (1993). *Poética*. (2. ed.). São Paulo: Martin Claret.
- Duarte, B. (s/d). *Literatura Tradicional Angolana. Editora Didáctica de Angola, S.A.R.L. Benguela*.
- Maestro, J. (2017). *Crítica da Razão Literária: O materialismo filosófico como teoria, crítica e dialéctica da Literatura*. Vigo: Editorial Acaemia del Hipanismo.
- Havelock, E. (1995). *A equação oralidade-cultura escrita: uma fórmula para a mente moderna*. In D. R. Olson & N. Torrance (Orgs.). *Cultura Escrita e Oralidade*. São Paulo: Editora Ática.
- Paxe, A. (2014). *Imagens, contextos e comunicação: o provérbio no texto de painéis e na esteira*. Portal Cronopios. Brasil, 2008. <http://cronopios.com.br>.
- Reis, C. (1995). *O Conhecimento da Literatura: Introdução aos Estudos Literários*. Almedina, 2ª ed., Coimbra.
- Silva, A. (1986). *Teoria da Literatura*. Coimbra: Almedina.
- Wellek, R. & Warren, A. (1949). *Teoria da Literatura* (5ª ed., Trad. Carmo, J. P.), Publicações Europa-América.